



GINÁSTICA BRINCANTE: UMA PRÁTICA VOLTADA AO LIVRE BRINCAR E SE-MOVIMENTAR DAS CRIANÇAS

Eduarda Vesfal Dutra^{*}
Patrícia Luiza Bremer Boaventura^{**}
Andrize Ramires Costa^{***}

RESUMO

Neste ensaio teórico-filosófico, refletimos uma ginástica com sentidos e significados para a vida da criança pequena. Apresentamos, a partir de conhecimentos oriundos de projetos de pesquisa e extensão, perspectivas de uma “Ginástica Brincante”, que considera a criança como centro do processo, ressaltando a necessidade da liberdade corporal para brincar e se-movimentar como linguagem imanente ao seu mundo. Notamos que o modo como a ginástica vem sendo desenvolvida com as crianças pequenas remete majoritariamente a um ensino técnico e rígido, não contemplando seu mundo vivido. Portanto, desenvolver uma Ginástica Brincante com as crianças pequenas é uma maneira significativa de resgatar e de valorizar o protagonismo infantil, sua subjetividade e seu livre brincar e se-movimentar.

Palavras-chave: Ginástica; Criança; Brincar; Se-movimentar.

PLAYING GYMNASTICS: A PRACTICE FOCUSED ON THE FREE PLAY AND MOVEMENT OF CHILDREN

ABSTRACT

In this theoretical-philosophical essay, we reflect a gymnastics with senses and meanings for the life of young children. Based on knowledge from research and extension projects, we present perspectives of a “Playing Gymnastics”, which considers the child as the center of the process, emphasizing the need for bodily freedom to play and move as a language immanent to their world. Thus, we note that the way gymnastics has been developed with young children, mostly refers to a technical and rigid education, not contemplating their lived world. Therefore, developing Play Gymnastics with young children is a significant way to rescue and value children's protagonism, their subjectivity and their free play and movement.

^{*} Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Mestranda em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física – PPGEF/UFPeL.

^{**} Doutora em Ciências Humanas (PPGICH/CFH/UFSC). Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/CDS/UFSC). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC/CED/CNPq); do Núcleo de Estudos em Cultura, Corpo e Movimento (Sôma/UFSC/CDS/CNPq) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ginásticas, Infâncias e Crianças (LEPGIC/UFSC/Cnpq).

^{***} Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSC. Coordenadora Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ginásticas, Infâncias e Crianças (LEPGIC/UFSC/Cnpq). E-mail: andrize.costa@ufsc.br.

Keywords: Gymnastics; Child; Play; Move around.

JUGAR GIMNASIA: UNA PRÁCTICA ENFOCADA EN EL JUEGO LIBRE Y EL MOVIMIENTO DE LOS NIÑOS

RESUMEN

En este ensayo teórico-filosófico, reflejamos una gimnasia con sentidos y significados para la vida de los niños pequeños. A partir del conocimiento de proyectos de investigación y extensión, presentamos perspectivas de una “Gimnasia Jugando”, que considera al niño como el centro del proceso, enfatizando la necesidad de libertad corporal para jugar y moverse como lenguaje inmanente a su mundo. Así, notamos que la forma en que se ha desarrollado la gimnasia con los niños pequeños, se refiere mayoritariamente a una educación técnica y rígida, no contemplando su mundo vivido. Por tanto, desarrollar Gimnasia lúdica con niños pequeños es una forma significativa de rescatar y valorar el protagonismo de los niños, su subjetividad y su libre juego y movimiento.

Palabras clave: Gimnasia; Niño; Para jugar; Para mover.

INTRODUÇÃO

O mundo e o corpo da criança são intrinsecamente relacionados, não podendo ser compreendidos de modo separado. A partir do corpo se torna possível compreender o “diálogo incessante entre os sujeitos e o mundo, estabelecendo um embate no qual os sujeitos se revelam e são revelados pelo próprio movimento, atualizando-se e transformando-se junto ao mundo” (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 6). O corpo, portanto, é marcado por diferentes contextos sociais e momentos históricos, podendo esclarecer um mundo, elucidar épocas e sociedades por meio de suas múltiplas possibilidades, representações e sensibilidades (VIGARELLO, 2003).

A escola assume o papel institucional de formar e educar o corpo, oferecendo tempos e espaços necessários ao desenvolvimento e à socialização das crianças. Porém, a educação, a partir de alguns moldes, pode cancelar às instituições de ensino o direito de alicerçar as experiências no ambiente escolar, baseadas em padrões sociais e culturais que exercem forte influência sobre as crianças e seus corpos, conforme aponta Kunz (2018). Para este autor, a tarefa das escolas de introduzir as crianças no mundo social organizado não pode ser realizada a partir de uma cópia fiel da realidade. Educadores/as devem refletir sobre os problemas de práticas educacionais reprodutoras, justamente porque cabe a eles/as a tarefa de estruturar os conteúdos, elencar procedimentos didático-metodológicos e priorizar o conhecimento de fenômenos de forma complexa.

Carecemos de práticas formativas que sejam potencializadoras do desejo de aprender e da capacidade criativa, e não apenas a reprodução de práticas como o egoísmo,

o individualismo e a competição, elementos essenciais ao mundo em que predomina o mercado. Como afirma Freire (2009, p. 157):

[...] não é justo que, em nome da educação, crianças e adolescentes sejam confinados em cubículos de meio metro quadrado (o espaço de movimentação possível de quem senta nas carteiras escolares), quatro horas por dia, cinco dias por semana, duzentos por ano, onze anos, num total de 8.800 horas de confinamento. É chocante, absurda, escandalosa essa educação sem corpo, essa deformação humana.

Historicamente, os conteúdos da Educação Física eram separados e descontextualizados da sociedade, tendo como preocupação primordial o desenvolvimento instrumental da técnica, motor, esportivo (SOARES, 2003). Nessa lógica, a ginástica possuiu (e ainda possui) muitos fundamentos baseados em procedimentos, técnicas, regras, sendo associada diretamente à ordem e à disciplina. Isso resulta, por vezes, na obediência incondicional da criança e na autoridade inquestionável do adulto (COSTA *et al.*, 2020).

Desse modo, o presente ensaio resulta de reflexões teóricas, bem como de conhecimentos e saberes oriundos de participações e organizações de projetos de pesquisa e extensão acerca da ginástica vinculadas ao Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ginásticas, Infâncias e Crianças (LEPGIC/UFSC/UFPEL). Pensando sobre como a ginástica pode contribuir de maneira significativa em diferentes esferas para as crianças pequenas (de zero a seis anos), reafirmamos o protagonismo infantil e a necessidade da liberdade corporal para “brincar e se-movimentar”¹ como linguagem imanente, e, como isso, pode ser possibilitado a partir de uma Ginástica Brincante, repleta de sentidos e de significados.

POR UMA GINÁSTICA DO BRINCAR E SE-MOVIMENTAR

Para Merleau-Ponty (1999), o corpo não é objeto ou resultado de um conjunto de conceitos ou ideias; ele é, sobretudo, vivido na intencionalidade e na presença, revelando o sujeito que percebe, assim, como o mundo é percebido. Compreendemos que a significação se faz pelo corpo, sendo preciso reconhecer que ele é “uma potência aberta e indefinida de significar” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 263), ou seja, ao mesmo tempo que aprendemos um gesto, temos a possibilidade de reconstruí-lo, direcionando-nos a um comportamento novo ou a uma nova interpretação. Entretanto, orientações didáticas serão imprescindíveis

¹ Essa expressão utilizada no texto foi criada por Elenor Kunz e seus orientandos/as e tem como intuito “mostrar a criança em seu ‘ser-estar-no-mundo’ e a sua imprescindível necessidade de viver plenamente o presente” (SURDI; MELO; KUNZ, 2016, p. 460).

para se permitir que esse modo de aprender – pautado nessa perspectiva de corpo (vivido) em combinação com o se-movimentar – seja efetivamente contemplado.

Assim, Merleau-Ponty (1999) traz que a linguagem corporal é poética e deve ser entendida como obra de arte. E, por sua vez, a concepção do se-movimentar faz referência à superação dessa imagem do corpo objeto, “corpo-substancial”; e centra-se na ideia de “corpo-relacional”, corpo vivido. Representa, então, a abertura de possibilidades para que o sujeito que se movimenta reconheça e compreenda seus limites, a fim de que se “torne ele próprio” (KUNZ, 2007, p. 11, grifo do autor) e aprenda a experimentar, pelo diálogo de perguntas e respostas, o seu próprio “campo existencial” (KUNZ, 2020, p. 17 grifo do autor).

Segundo Costa *et al.*, (2020), o ensino da ginástica na escola, por exemplo, não deveria ser realizado em moldes tecnicistas, que preconizam a movimentação padronizada, a especialização precoce e a reprodução de gestos técnicos. O ensino da ginástica nesse contexto deve possibilitar experiências que sejam significativas e libertadoras, ampliando o leque de possibilidades de movimentação por meio de vivências prazerosas e respeitadas com cada corpo.

Nessa perspectiva, COSTA (2015, p. 184) explica que crianças ao se-movimentarem em uma aula de ginástica não são crianças exercitando movimentos tecnicamente ginásticos, mas “são crianças ocupadas com algo que se-movimentam e neste se-movimentar exercem um efeito sobre si e o mundo que as cerca”, principalmente no primeiro setênio, quando elas fazem tudo brincando, em permanente diálogo corporal com o mundo. O corpo-sujeito é sempre ator e, portanto, sujeito das suas ações, do seu movimento e, desse modo, “o movimento humano é entendido como uma conduta de atores numa referência sempre pessoal-situacional. Isto, portanto, só pode ser um acontecimento relacional, dialógico” (COSTA, 2015, p. 192).

A criança é um ser e um “corpo brincante” (RICHTER; BASSANI; VAZ, 2015, p. 19) e a brincadeira, uma vez que está (ou deveria estar) presente em todos os momentos de sua vida como uma das formas de ser e existir no mundo, proporciona-lhe a expressão de diferentes sentimentos e a construção de aprendizados no âmbito da cultura. É brincando de forma genuína, original e ontológica que a liberdade e a criatividade podem se manifestar nas brincadeiras: liberdade para decidir sobre suas realizações e criatividade para construir sentidos e significados naquilo que realiza, experimentando, testando hipóteses, duvidando do óbvio, resolvendo problemas e enigmas, encontrando e se perdendo nas soluções, fantasiando e se aventurando num mundo que as convida para infinitas possibilidades de ação.

Sob a supervisão de adultos e expropriadas de experiências originais, há atividades que podem não fazer sentido para elas. Como traz Benjamin (2002), são os brinquedos e os jogos, na perspectiva histórica e cultural, que dão os sinais de pertença às crianças, pois não são nenhuma comunidade isolada: elas fazem parte de um povo e da classe a que pertencem. Portanto, o brincar e se-movimentar da criança está relacionado a um contexto sociocultural marcado pelas interações e pelas apropriações promovidas pelo meio em que vivem, seja pela indução, na maioria das vezes, ou pela imposição dos adultos à aceitação de atividades reconhecidas como necessárias (COSTA; KUNZ, 2013). E, assim, destacam-se duas formas de brincar: o brincar espontâneo e o brincar didático.

O brincar espontâneo é aquele que todas e somente as crianças sabem fazê-lo, no qual a imaginação e a liberdade de movimentação se apresentam sem imposições dos adultos em relação ao tempo-espaço e à intensidade dos acontecimentos. Constituem as ações nas quais elas estão envolvidas em total atenção ao que fazem no momento presente. Já o brincar didático, predominantemente ao contexto escolar e sobre o qual a maior parte da literatura acadêmica e científica se debruça, é conduzido pelos adultos que se interessam pela definição dos conteúdos e objetivos da brincadeira, nem sempre atendendo aos anseios da própria criança que brinca (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Conseguir entender o brincar da criança em seu tempo e espaço permite-nos pensar no ser humano e em suas possibilidades corporais, retornando ao mundo da criança, compreendendo e valorizando suas formas de dialogar com o outro, com o mundo e consigo mesma. Esse livre brincar e se-movimentar, conforme Costa e Kunz (2013), implica uma forma de interpretar o mundo pelo agir e estabelecer relações, interação e comunicação com este por meio de experiências corporais espontâneas, sem que se caia num espontaneísmo descompromissado.

Ademais, priorizar experiências com o brincar e se-movimentar implica pensar em como os conteúdos gímnicos podem ser vivenciados a partir do “protagonismo infantil” (MELLO *et al.*, 2020), com abertura às possibilidades brincantes e às aprendizagens lúdicas, ativadoras da imaginação infantil.

Segundo Kuhn (2016), a criança “é o sujeito” de sua própria existência: ser criança supõe ser livre e viver intensamente o presente. A expressão “vir a ser” dá um estatuto de incompetência e reproduz uma imagem social da criança como ingênua e dependente. Na qualidade plena de ser, a visibilidade das crianças como sujeitos sociais e sujeitos de direitos é promovida numa posição de seres atuantes, participativos, criativos e pensantes

e não de excluídos social, cultural e politicamente. O interessante é a criança se constituir como criança para infância e não para a adultez.

Assim, quando as crianças têm liberdade para realizar uma Ginástica Brincante, elas desabrocham como belas borboletas, num abrir-se em flor que nunca se esgota. Para tal, aspiram a que lhes ajudem nessa jornada confusa e estranha apresentada pelo mundo dos adultos. Elas necessitam de equilíbrio e ajuda; não de alças e de lemes. Necessitam de ambientes harmoniosos e de adultos que as ouçam e que lhes deem a devida importância (KUHN, 2016, p. 100).

GINÁSTICA BRINCANTE: POSSIBILIDADES PARA BRINCAR E SE-MOVIMENTAR COM E PELA GINÁSTICA

O modo como a ginástica vem sendo desenvolvida com as crianças pequenas, remete majoritariamente a um ensino técnico e rígido, não contemplando seu mundo vivido, suas culturas, seu livre brincar e se-movimentar e, por sua vez, que não dá voz e liberdade para se desenvolverem de maneira espontânea e libertadora (COSTA *et al.*, 2020). Os autores explanam a necessidade de uma transformação didático-pedagógica da ginástica para o ensino e a aprendizagem das crianças, procurando abandonar os velhos moldes do treinamento técnico que optam pela rigidez na execução e pelas formas padronizadas de movimentação. Para eles, o brincar e se-movimentar é uma maneira significativa de transformar essa ginástica para o ensino-aprendizagem dos conteúdos gímnicos na Educação Infantil, pois compreendem que a concepção teórica considera o sujeito da ação como centro do processo, e não o movimento o qual está sendo executado.

Ao trabalhar a ginástica ou outra prática corporal com crianças pequenas, é necessário atentar ao fato de que a prioridade não deve ser o ensino das técnicas ou as formas padronizadas de movimento, mas sim o como aprender a solucionar problemas de movimento para o mundo vivido por elas, pois a perspectiva do treinamento faz pouco sentido para a criança, visto que este acaba impedindo suas curiosidades, criatividade, autonomia e as suas formas singulares de resoluções de problemas, tornando-a mera reprodutora de movimentos. Como sustenta, Simon e Kunz (2014):

[...] como professores, é fundamental criarmos e deixarmos abertas as possibilidades de movimentos das crianças pequenas, pois, assim como o crescimento de um galhinho de plantinha, que, se podarmos ou amarrarmos, continuará crescendo, porém não em todo seu esplendor, também as crianças pequenas precisam

da liberdade, vivacidade e riqueza da imaginação do brincar-e-se-movimentar para crescer e se desenvolver [...] (SIMON; KUNZ, p. 390, 2014).

Outrossim, observa-se uma prática construída a partir da teoria do movimento humano – o brincar e se-movimentar –, a qual tem como objetivo romper com o modo tecnicista em que a ginástica vem sendo desenvolvida. Assim, esse modo de aprender faz com que a experiência de se-movimentar na ginástica pressuponha o tempo das crianças, o tempo vivido por elas, considerando a forma peculiar que concebem o seu viver, com atenção para o presente e sem esperar por resultados. Direciona sua atenção para a criança e seu protagonismo infantil e não para a perfeição e execução dos movimentos gímnicos.

Crianças rolam, balançam, giram, executam saltos ritmicamente, sentem e expressam corporalmente uma ginástica livre e prazerosa como se estivessem brincando. É nesse sentido que apresentamos a proposta de uma Ginástica Brincante.

Pautada no brincar e se-movimentar, a Ginástica Brincante apropria-se de fundamentos norteadores para o desenvolvimento dessa prática na infância, sendo eles: o brincar espontâneo, a imaginação, a criatividade, a curiosidade e a autonomia da criança. Considera-se como possibilidades didático-pedagógicas para se relacionar com essa manifestação e aproximar do mundo infantil, elementos potencializadores, como: as atividades circenses, a Ginástica para Todos (GPT), elementos da natureza e as aulas “estoriadas”.

As atividades circenses contemplam uma rica oportunidade para o desenvolvimento das práticas gímnicas com crianças pequenas, em seu universo, a imaginação aflora constantemente aos olhares dos pequenos, e quase sempre está associado às manifestações de alegria. O mundo do circo é um mundo mágico, onde tudo pode acontecer, onde a imaginação não tem limites. Este mundo dá a liberdade para as crianças serem qualquer ser, objeto e lugar, e isso desperta um fascínio muito grande nelas. Esses sentimentos de magia e de imaginação que as atividades circenses proporcionam à criança é o que ela necessita para sobreviver ao mundo dos adultos, porque “as crianças constroem um mundo de fantasia porque julgam o mundo real difícil de viver” (OAKLANDER, 1980, p. 26).

Ademais, as práticas realizadas em contato com a natureza também são possibilidades significativas para o desenvolvimento das práticas gímnicas com as crianças. Sendo atividades que podem ser desenvolvidas de diferentes maneiras e espaços variados, atividades em contato com terra, água, plantas e relações com animais, as quais são grandes estimulantes espontâneas das brincadeiras imaginativas (SIMON; KUNZ, 2014). Dessa maneira, acreditamos que a possibilidade de estar em contato com a natureza, seja de modo real, ou no imaginário, permite

às crianças a sensação de liberdade, do prazer de estar livre, e esta oportuniza alcançar o diálogo próprio com seu mundo, no seu livre brincar e se-movimentar.

[...] subir em árvores, por exemplo, é uma prática comum que para muitos pode ser considerada perigosa, coisa de criança arteira, mas para as crianças está interligada a superação de limites, sensação de realização. Elas sobem em árvores em busca do novo, do desconhecido, do desafio, da liberdade [...]. (PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010).

Além da sensação de liberdade e de superação que a criança sente ao desfrutar os movimentos gímnicos em contato com a natureza, nós compreendemos que esse contato também possibilita que a criança reconheça seu corpo em diferentes situações, ou seja, é muito diferente realizarmos um salto ou uma “cambalhota” (rolamento para frente) na grama e realizá-los novamente em contato com a areia, com a água, com folhas de árvores: são situações que despertam sensações díspares em nosso corpo, principalmente no corpo da criança que está se descobrindo a todo instante.

Não obstante, notamos que a imaginação se apresenta como uma das possibilidades da criança de se comunicar com o mundo através de sua sensibilidade assim como de adquirir experiências significativas de descobertas deste seu mundo e de um contato corporal (BERLEZE, 2016). Em concordância, Surdi (2014) aponta que a imaginação e o brincar são elementos essenciais para o relacionamento das crianças com o mundo.

Sendo assim, trabalhar com os conteúdos gímnicos a partir de aulas estoriadas se torna muito importante para o desenvolvimento das crianças pequenas, visto que explora, em sua maior amplitude, a imaginação e a fantasia desse ser, apresentando um imenso poder para abrir o leque de possibilidades ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem dos movimentos gímnicos. Simon e Kunz (2014) apontam que as atividades sem estória geralmente são consideradas chatas e sem graça pelas crianças pequenas, já quando esta parte de um contexto ou estória inicial, geralmente é realizada com mais alegria, empenho e desembaraço por elas. Esse tipo de prática permite que a criança devaneie em variadas realidades, tempos e lugares, onde, através da narrativa, são vividas imagens as quais se formam e ganham vida no enredo permeado pela imaginação.

Logo, a Ginástica para Todos (GPT), uma prática gímnica que nutre em sua essência o caráter de ludicidade, a abertura ao divertimento, a brincadeira, sua orientação ao prazer pelo movimento, a coletividade, a ludicidade e a não competitividade (AYOUB, 2004), mostra-se uma possibilidade-pedagógica essencial a ser desenvolvida com as crianças pequenas.

Nota-se que a GPT é a prática gímnica que mais se aproxima das peculiaridades da Educação Física Escolar, visto que se possibilita abordar todos os demais campos de atuação da ginástica, a utilização de materiais variados, adaptados e equipamentos específicos; os movimentos gímnicos que podem ser transformados, atribuindo novos; o trabalho com grande quantidade de alunos, de idades e habilidades diferentes; a promoção da criatividade, da criticidade, da imaginação, da inclusão e do prazer pela prática (TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

Ademais, as experiências de movimentação com/pela Ginástica Brincante devem estar orientadas no tempo e no espaço da criança e da sua liberdade corporal, expressiva e criadora, possibilitando novas formas de execução das manifestações gímnicas: uma ginástica que vá ao encontro de seu mundo. Esses elementos se fazem fundamentais ao mundo da criança, pois exploram, em sua maior amplitude, a imaginação, a fantasia, a ludicidade, a liberdade de expressão, a criatividade, a autonomia, abrindo o leque de possibilidades ao desenvolvimento dos movimentos gímnicos (AYOUB, 2004; SIMON; KUNZ, 2014). Essas possibilidades dão a oportunidade para que cada criança aprenda os movimentos gímnicos, no seu tempo e com os próprios significados de seu mundo, deixando-as livres para se descobrirem em seu modo de brincar e se-movimentar. Tornando-se, assim, autênticas em suas experiências de ser e estar no mundo.

Portanto, refletir e propor uma Ginástica Brincante não significa abandonar os conteúdos instituídos historicamente e culturalmente da ginástica; pelo contrário, exige mediação e grande responsabilidade, pois implica refletir: como tais conteúdos que compõem o universo gímnico podem ser ressignificados para atender ao mundo da criança? Como oportunizar vivências gímnicas associadas às práticas brincantes que permitam refletir sobre o seu mundo?

Sendo assim, buscamos na Ginástica Brincante uma prática que permita à criança desfrutar do aprendizado, com liberdade para devanear e descobrir inúmeras maneiras de conhecer e de ressignificar seus movimentos, oferecendo-lhe um ensino que valorize seu protagonismo infantil, e lhe oportunize ser o que realmente é (ser criança), sem esperar por rendimentos e por performances específicas, simplesmente deixando-a viver e se descobrir em seu aqui e agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar a Ginástica Brincante é uma maneira espontânea e divertida de a criança conhecer o seu próprio corpo e o de outros. Com base nos projetos de extensão e de pesquisa que temos desenvolvido, podemos constatar que essa maneira de aprender pela ginástica perpassa uma aprendizagem mais significativa e prazerosa para a vida das crianças pequenas; ao possibilitar a liberdade de realização de movimentos autênticos, de ampliação dos potenciais criativos e de tempo para os devaneios da imaginação, também permitimos que esses corpos tenham mais liberdade gestual. Assim, desenvolver uma Ginástica Brincante a partir de possibilidades que estimulam a liberdade para o brincar, a criatividade, a imaginação, o ser criança, como: as atividades circenses, o contato com a natureza, as aulas estórias e a GPT, é valorizar o protagonismo infantil, sua subjetividade e seu livre brincar e se-movimentar.

Certamente, deixamos aqui uma lacuna por se tratar de uma proposição inicial, ainda em desenvolvimento nos projetos, nas pesquisas e nas investigações acerca do que a Ginástica Brincante pode contribuir na vida das crianças.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, E. **Ginástica geral e educação escolar**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- ARAÚJO, L. *et al.* Ontologia do movimento humano: teoria do “se movimentar” humano. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 3, p. 1-12, dez. 2010.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BERLEZE, D. J. **O BRINCAR-E-SE-MOVIMENTAR – A LINGUAGEM DA CRIANÇA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desporto, Programa de Pós-graduação em Educação Física, RS, 2016.
- COSTA, A. R. *et al.* A transformação didático-pedagógica da ginástica para as crianças pelo “brincar e se-movimentar”. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-16, 2020.
- COSTA, A. R. **Por mais respeito e responsabilidade com crianças: possibilidades de se desenvolver e “brincar e se-movimentar” pelo Turnen**, Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2015.
- COSTA, A. R.; KUNZ, E. O “Brincar e Se-movimentar” como base teórico-filosófica para a compreensão do ser criança. *In: HERMIDA, J. F. BARRETO, S. J. (org.) Educação infantil: temas em debate*. João Pessoa, Editora Universitária da UFPB, 2013. p. 51-74.
- FREIRE, J. B. Por uma educação de corpo inteiro. *In: HERMIDA, Jorge Fernando (Org.) Educação Física: conhecimento e saber escolar*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 9. ed. Ijuí: Unijuí, 2020.
- KUNZ, E. **“Brincar e Se-Movimentar”**: tempos e espaços na vida da criança. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2018.
- KUNZ, E. Percepção, sensibilidade e intuição para as possibilidades criativas no esporte. *In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) Esporte de Rendimento e Esporte na Escola*. Campinas: Autores Associados, 2007.

- KUHN, R. **Da crisálida à borboleta: a liberdade da criança em brincar e se movimentar na educação de infância**. Tese de doutorado. Universidade do Minho/Portugal. Doutorado em Estudos da Criança/Especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, 2017.
- MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano – do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MELLO, A. S. *et al.* Por uma perspectiva pedagógica para a educação física com a educação infantil. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, p. 326-342, 2020.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1980.
- PIZANI, J; BARBOSA-RINALDI, I. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 1, p. 115-126, 2010.
- RICHTER, A.; BASSANI, J.; VAZ, A. Entrevista com Manuel Jacinto Sarmento: infância, corpo e Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 11-37, set. 2015.
- SIMON, H. S; KUNZ, E. O brincar como diálogo/pergunta e não como resposta à prática pedagógica. **Movimento**: Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 375-394, 2014.
- SOARES, C. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 125-147, set./dez. 2003.
- SURDI, A.; MELO, J.; KUNZ, E. O brincar e o se-movimentar nas aulas de Educação Física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 459-470, abr./jun. de 2016.
- SURDI, Aguinaldo César. **Educação e Sensibilidade: O Brincar e Se-Movimentar da Criança Pequena**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFSC, Florianópolis, SC, 2014.
- TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M.H.C.; CARBINATTO, M.V. Fundamentos da ginástica para todos. **Fundamentos das ginásticas**, v. 2, p. 21-48, 2016.
- VIGARELLO, G. A história e os modelos do corpo. **Pró- Posições**, v. 14, n. 2, p. 21-29, mai./ago. 2003.